

«SE ISTO NÃO É A JORNADA
DE UMA HEROÍNA MODERNA,
NÃO SEI O QUE SERÁ.»

THE NEW YORK TIMES

MAAME

«EM TWI, MAAME TEM MUITOS SIGNIFICADOS,
MAS NO MEU CASO SIGNIFICA MULHER.»

JESSICA GEORGE

TOP
SEL
LER

Para o meu pai

Capítulo Um

Na cultura africana... Não, esperem, não quero ser presunçosa ou de alguma forma nacionalista a ponto de classificar alguns costumes ganeses como verdadeiros e correntes noutros países africanos. Na verdade, posso até estar apenas a falar do que passa por tradição na *minha* própria família, mas, não obstante a quem pertençam os costumes, fui educada para manter as questões familiares em privado. Por isso, se o meu pai tem um quarto só para ele ou se a minha mãe se ausenta do país durante períodos inexplicavelmente longos, é de conhecimento comum a todos os que vivem na nossa casa que guardamos estas questões, bem como qualquer outra semelhante, só para nós. «As pessoas não iam entender, percebes? Somos ganeses, fazemos as coisas de um modo diferente.»

Quando eu era miúda, as dinâmicas na escola, os livros e os programas que via na televisão transmitiam-me que os melhores amigos contavam tudo uns aos outros. Era praticamente o único requisito para uma amizade, mas eu era obrigada a quebrar esta regra, sabendo que as informações que guardava só para mim implicavam que nunca me qualificaria verdadeiramente como a melhor amiga de ninguém, não quando ninguém me *conhecia* de verdade.

Mesmo agora, nenhum dos meus amigos — e felizmente não tenho muitos — sabe que começo todos os meus dias úteis da mesma maneira. Acordo cinco minutos antes de o despertador tocar e fico à espera de que toque, às seis da manhã. Pestanejo para afastar quaisquer vestígios pegajosos da noite e desço silenciosamente

as escadas, passo pelo quarto do meu pai — agora realojado no rés do chão — e vou para a cozinha. Fecho a porta para impedir que o barulho se espalhe pela casa e preparo uma taça de *cornflakes*, que como uma colher de cada vez enquanto cirando pela cozinha.

A cozinha é uma divisão pequena, funcional, com um fogão a gás (que precisa desesperadamente de ser limpo, mas prefiro reservar essa tarefa para amanhã à noite), um forno com uma porta em falta na parte do grelhador, um frigorífico alto, uma arca congeladora mais pequena com várias caixas de restos de comida não identificada, daquelas que mais-vale-guardar-para-outro-dia (reservo a tarefa de as organizar para a tarde de sábado) e uma máquina de lavar roupa que, sempre que se liga, dança para fora da bancada, mas que quando está vazia se empurra facilmente com o peso do meu corpo. Esta bancada de que falo é cinzento-escura com salpicos brancos, de um brilho médio que creio pretender dar a ilusão de mármore.

Encho uma caixinha com o almoço que fiz em quantidade no domingo, a seguir cozo massa para o almoço do meu pai e deixo-a tapada no micro-ondas. O arroz que fiz para o seu jantar fica numa prateleira, no forno. Descasco e corto laranjas para o lanche de ambos — *Devo deixar os morangos para amanhã?* Tamborilo com as unhas na bancada e penso na data de validade da fruta. *Não, é melhor comê-los hoje* — e deixo os morangos para o meu pai numa taça tapada, guardando os meus noutra recipiente.

Nenhum dos meus amigos sabe que quando estou a sair do chuveiro ouço o cuidador do meu pai, o Dawoud, a entrar. Hoje vem ao telefone, provavelmente está a falar com a mulher, que vive no Iémen, a sua terra natal — ele já me falou dela uma vez. Disse-me que era muito bonita.

O Dawoud é quase um gigante, tem mais de um metro e oitenta, uma barriga um pouco arredondada e cabelos grisalhos, com pequenos tufos a escaparem-se dos seus ouvidos. Já está na casa dos 60 e ainda fuma, o que torna a sua voz sonora, mas rouca. O meu pai tem 57 anos, nunca fumou e deixou de beber há vários anos. A idade é uma criatura terrivelmente inconsistente.

Aplico creme na pele e visto o meu vestido das terças-feiras, azul-marinho, de manga curta, largo e por baixo dos joelhos, porque no meu escritório ninguém usa calças de ganga. Ligo o rádio numa estação de orações sobre a qual a minha mãe gosta de me fazer perguntas, enquanto visto os *collants* pretos e ponho os brincos de ouro que herdei. Crio um lembrete para ligar ao Dr. Appong à hora do almoço; é o médico de família do meu pai já há três anos e tenho de lhe falar dos pés inchados. A seguir, vejo o meu *e-mail* e descubro que não estamos qualificados para ter uma redução de impostos camarários.

Lá em baixo, o Dawoud está na cozinha a fazer torradas. Amanhã fará papas de aveia, porque são estas as duas opções que alterna durante os dias úteis. Entro na sala e digo ao meu pai:

— No sábado faço-te panquecas.

— Oh, que bom — responde ele a sorrir, mas não se vai lembrar das panquecas até eu lhas dar à boca, no sábado de manhã. É assim que funciona a doença de Parkinson. Ele consegue lembrar-se de coisas constantes e repetitivas, como a minha presença e a do Dawoud, mas os detalhes imediatos não ficam na sua memória durante muito tempo. Entram por um ouvido, permanecem o tempo suficiente para elaborar uma resposta e saem pelo outro. Literalmente. Há dias em que a medicação ajuda um pouco, mas noutros dias os medicamentos estão demasiado ocupados a resolver o problema das articulações inchadas, o tremor das mãos, a pressão arterial elevada ou a dificuldade em falar, para se dedicarem às questões da memória.

Tenho uma fotografia dos meus pais, tirada algures em setembro de 1984, em que o meu pai aparece como um homem bonito e alto, com um afro e uma pulseira grossa de prata que usa até hoje. Sempre que olho para essa fotografia, penso no meu último dia no secundário, há oito anos. A minha turma estava num bar, numa festa, mais ou menos o nosso equivalente a um baile de finalistas, creio. Apesar de ter sido convidada, acabei por não ir. Quem me convidou foi o Connor... Não, o Charlie, o rapaz calado das aulas de Matemática que eu nem sequer fazia ideia de que gostava de mim. Aceitei

o convite, comprei um vestido e tudo, mas depois tive de cancelar no próprio dia. *Pobre Charlie*. Uma hora antes do encontro enviei-lhe uma mensagem a avisar que não conseguia ir ter com ele, o meu pai acabara de receber o seu diagnóstico: doença de Parkinson.

Todos tínhamos culpado prontamente o envelhecimento pela sua tendência cada vez mais «desastrada» e pelos lapsos de memória. Quero dizer, todos nós já pousámos as chaves algures, para dois minutos depois as declararmos como desaparecidas, por isso não podemos propriamente julgar ninguém. Mas depois, certa vez, já ao fim do dia, o meu pai perdeu-se.

Eu cheguei da faculdade e fiquei em casa sozinha até que ele ligou para o telefone fixo.

— Madeleine? Maddie? — disse ele. — Acho que... acho que não sei onde estou.

Não foi o que o meu pai disse que me fez agarrar o telefone com mais força; vivíamos em Londres, era fácil uma pessoa desorientar-se, mas igualmente fácil reencontrar o caminho de volta. Não, o que me assustou foi o medo que ouvi na sua voz. Ao longo da minha vida, o meu pai revelou ser muitas coisas diferentes, mas uma pessoa *assustada* nunca foi uma delas.

Pedi-lhe que passasse o telefone a uma senhora que estava ali perto e ela explicou-me que ele estava apenas a dez minutos, ao fundo da rua.

— Tem a certeza? — perguntei-lhe.

— Estamos decididamente em Spar Lane — confirmou a senhora. — Eu vivo aqui.

Nesse momento percebi que o meu pai não tinha adormecido no autocarro nem se havia metido por uma rua desconhecida para atalhar o caminho, mas que não sabia genuinamente como voltar para casa seguindo a mesma rota que percorria já há seis anos.

Corri para Spar Lane e ali estava ele, em frente ao portão da casa de alguém, a olhar para a esquerda e para a direita, de um lado para o outro. *A tentar*. Alcancei-o e, a brincar, atirei as mãos ao ar.

— Passas por aqui todos os dias, pai!

Ele assentiu com a cabeça, mas não sorriu e, enquanto regressávamos a casa, o franzir da sua testa aprofundou-se cada vez mais, até que passámos pelo quiosque onde ele comprava o jornal todos os domingos e os seus ombros baixaram com alívio.

Agora, considero esse dia como O Início.



Google A doença de Parkinson é hereditária?

Estudos científicos demonstram que os fatores genéticos podem ter um papel importante no desenvolvimento da doença de Parkinson como resultado de genes defeituosos.

A maior parte dos casos de Parkinson não é hereditária; porém, um estudo médico recente revelou que os pacientes que sofrem de Parkinson prematuro têm uma probabilidade mais elevada de ter herdado a doença.

A doença de Parkinson pode ser desencadeada por uma combinação complexa de suscetibilidade genética e fatores de exposição ambiental, como toxinas e trauma. As causas genéticas constituem cerca de 15% de todos os casos de Parkinson diagnosticados.

A doença de Parkinson hereditária continua a ser bastante rara. A maior parte dos casos diagnosticados são «idiopáticos». Idiopático significa que não tem uma causa conhecida.

Creio que este momento é tão bom como qualquer outro para vos dizer que tenho um irmão mais velho, o James. Vive em Putney, por isso somos só eu e o meu pai aqui em Croydon. A minha mãe passa a maior parte do tempo no Gana, a gerir um *hostel* que o meu avô lhe deixou, a ela e ao meu tio, quando morreu. Normalmente, ela

volta para casa durante um ano, depois regressa ao Gana por outro, e assim sucessivamente. Não costumava passar um ano inteiro fora, o mais usual era ficar um par de meses no seu país natal, mas depois as desculpas começaram a aparecer um pouco por todo o lado, como cogumelos: «Os voos são tão caros e tão longos que não faz sentido ficar aqui durante tão pouco tempo» ou então «A minha artrite não se dá bem com o tempo inglês» ou ainda «O meu irmão não é nada bom nisto, não tem cabeça para os negócios como eu».

Um ano depois de o meu avô morrer, ouvi uma conversa sobre irmos todos para Acra, mas a minha mãe disse que não. «O curso que tirei no Gana não me ajudou nem um pouco aqui, e a Maddie é uma aluna de vintes. Não podemos desperdiçar a sua educação. Ela vai sair-se melhor do que nós se ficar aqui, por isso tu, enquanto pai, tens de ficar.» E foi assim que começaram as viagens ioiô.

O meu irmão James foi-se embora mais ou menos na mesma altura que a nossa mãe. Ela era o pulso de ferro aqui em casa, e, quando começou a ausentar-se, o nosso pai não sabia muito bem o que fazer connosco, por isso fez muito pouco. O James também não sabia o que fazer da vida e passava a maior parte dos serões e fins de semana em casa de amigos. Eu mal o via. Ele andava numa escola diferente da minha e quando acabava as aulas ia diretamente para casa de algum amigo; decidi muito cedo que os amigos seriam a sua família.

A minha mãe detestava isso; gritava ao telefone, o seu discurso pontuado pela voz automática que nos avisava quanto dinheiro ainda tínhamos no cartão de chamadas.

— Fica em casa, James! Para de comer em casa das outras pessoas quando o teu pai encheu o frigorífico de comida. Os pais dos teus amigos vão pensar que não tens mãe!

O James, com 15 anos, gritava de volta:

— E não tenho!

Eu mentia aos meus amigos e dizia-lhes que a minha mãe só ia para fora durante um mês ou dois, três no máximo, porque sabia que eles não entenderiam. Perguntavam-me: «Então e tu?» Mas eu ficava bem sem ela. Fui educada para ser independente, para lavar

a minha própria roupa, comprar a minha própria comida e cozinhá-la, para fazer os trabalhos de casa a tempo e horas, para passar o meu uniforme a ferro e fazer o farnel para almoçar na escola. Não precisava que ninguém cuidasse de mim. Tinha orgulho em ser de confiança — não sabia ser de outra forma.

Depois perguntavam-me: «Então e o teu pai?» E ele também ficava bem, porque os meus pais não são iguais aos vossos e o casamento deles não é muito convencional. Fazem as coisas à maneira deles. Na altura, pensava que tudo funcionava bem assim. E quando o James dizia que não funcionava, eu ignorava-o.

O meu pai está sentado na sua poltrona ao lado da janela, em frente à televisão. Parece-me sempre mais magro de manhã, o rosto caído um pouco mais pesado (a medicação comeu-lhe muita da gordura corporal nas primeiras fases da doença), mas a verdade é que tudo parece diferente de manhã quando comparado com a noite anterior, não parece? Aos meus olhos, ele continua a ser um homem bonito; mantemos o seu cabelo, quase sem brancos, cortado bem curto, e, depois de o lavar de manhã, o seu rosto parece mais animado.

Se eu tivesse mais tempo, sentava-me um bocadinho com ele. Gosto da nossa sala de estar pela manhã. O chão pode parecer bastante frio, já que a madeira é clara (assim é mais fácil ver e limpar alguma sujidade), mas programei os aquecedores para se ligarem quando o meu pai se levanta. As paredes têm um tom de pêssego-alaranjado e temos mantas e xailes de cores diversas a cobrir as falhas e rachas na mobília de couro sintético. Quando a minha mãe chega do Gana, põe sempre mantas a condizer no sofá e na poltrona, mas eu esqueço-me de lavar e secar os conjuntos ao mesmo tempo.

— Vou sair agora, pai — digo, suficientemente alto para que me ouça. — Vemo-nos à noite, está bem?

Os seus olhos não se focam em mim, embora também não estejam inteiramente focados na televisão, mas quando me ouve perguntar «está bem?», arregalam-se e responde:

— Está bem. — E esboça mais um sorriso.

Viro-me para sair e digo por cima do ombro:

— Amo-te.

A minha mão está sobre a maçaneta da porta quando o ouço dizer com voz trémula:

— Também te amo.

Viro-me para ele.

— Amas? — A palavra sai-me da boca antes de conseguir impedi-la.

O meu pai franze o sobrolho como se não entendesse a minha pergunta, os seus olhos tentam encontrar os meus enquanto se esforça para virar o pescoço. Logo a seguir, o Dawoud entra na sala com o pequeno-almoço.

Saio do seu caminho.

— Adeus, Dawoud.

— Adeus, Madeleine-y! — responde.

Enquanto procuro as minhas chaves, penso nas palavras do meu pai. Sei que ele me ama... mas há muito tempo que não me dizia estas palavras. Há muito tempo mesmo.

Já fora de casa, vejo que uma raposa andou a vasculhar o lixo dos vizinhos e rasgou o saco, deixando um rasto de comida ao longo do passeio. Era sobre esta situação que David Attenborough nos tentara avisar quando começámos a invadir cada vez mais o *habitat* das criaturas selvagens. Mas não lhe demos ouvidos.

— Já passei por isso — digo em solidariedade.

Vou escrever um bilhete aos vizinhos a explicar que o truque é pôr alguns tijolos soltos dentro dos caixotes do lixo à noite, e quando chegar do trabalho deixo-lhes o bilhete na caixa do correio. Eles mudaram-se há poucas semanas e ainda não os conheço, por isso não vou assinar o bilhete.

Tento perceber se, a partir do lixo, consigo descobrir alguma coisa a respeito dos vizinhos. Vejo que não se esforçam por reciclar, por isso, infelizmente, fazem parte do lixo da sociedade. É uma pena, porque ontem à noite um deles estava a ouvir música, que eu também ouvi, já que as paredes são finas, e o seu gosto por R&B dos anos noventa é bastante bom.

Quando chego à paragem do autocarro, o 250 está a dobrar a esquina e já vem cheio de crianças que saem na escola, a três paragens da minha. Como é habitual, fico ali a observar outras quinze a empurrarem-se umas às outras à minha frente, a obstruírem a porta, que tenta fechar. Tiro uma fotografia da mochila de uma miúda que ficou entalada na porta e envio-a à Nia.

Maddie

Nós também éramos assim tão irritantes?

Nia

Lol, éramos. O motorista do 156 odiava-nos.

Lembras-te daquele dia em que nos viu a todos à espera e se limitou a abanar a cabeça e a passar sem parar?

Nós não tínhamos culpa de sermos barulhentos. Andávamos sempre eufóricos com aquelas bebidas KA em tons néon e com as gomas de morango.

Sorrio com a resposta rápida da Nia, porque é uma da manhã onde ela está. Ela sempre foi notívaga e imagino-a agora com os caracóis com madeixas presos no cimo da cabeça, a ouvir música na cama de pernas erguidas e encostadas à parede.

Olho para o autocarro e para as raparigas ensanduichadas na parte da frente, a rirem-se. Eu tinha muitos amigos na escola, até durante o secundário, mas à medida que eles foram saindo de Londres para a universidade e eu fiquei em casa para cuidar do meu pai, acabámos por nos afastar. Apercebi-me então de que a nossa amizade não se baseava na lealdade ou no amor, mas na conveniência e na proximidade. Passei de ter um grupo de sete amigos para apenas uma. A Nia.

A Nia é a minha melhor amiga há quase dez anos, mas agora está a tirar um curso de Gestão no Utah. Fez uma pausa de alguns anos

para trabalhar enquanto todos iam para a universidade, por isso só agora está a terminar o curso. No verão volta para casa — de vez, se Deus quiser.

Espero quatro minutos pelo próximo autocarro e chego à estação de Thornton Heath nove minutos antes do meu comboio. Fico cerca de meio metro à esquerda do terceiro banco da estação para ser uma das primeiras a entrar. Quando regressar a casa, ficarei do lado direito do quadro das partidas na estação de Waterloo, à espera do comboio das 17h53. De segunda a sexta-feira, sempre a mesma coisa.

O meu comboio chega e está tão apinhado como sempre, sem lugares sentados vagos, mas também raramente procuro sentar-me. Tento encontrar um canto vazio, instalo-me com a mala entre as pernas, dobro o meu livro ao meio e começo a ler.

Quando chegamos a Balham, o comboio fica realmente cheio e faço o que já se tornou um hábito meu. Espreito por cima da página do livro e observo as pessoas. Jogo o meu jogo mental favorito e pergunto: Quem aqui adora o seu trabalho? Talvez aquela senhora loura com o vestido de verão num padrão de tons vivos? Quem aqui odeia o seu trabalho, mas consegue disfarçar durante o horário laboral? O homem de fato azul-marinho, tranças curtas e auscultadores enormes na cabeça? Quem se está nas tintas para o trabalho, desde que receba o ordenado? Aquele homem com ar de vigarista, de fato e botas, que suspira com impaciência quando o comboio para num sinal vermelho e está demasiado perto da senhora da frente?

Enquanto estamos à superfície, em Clapham Junction, pego no telemóvel e ligo os dados.



Google Empregos com os funcionários mais felizes

O primeiro da lista é... o ensino.

Bem, isto só pode ser mentira. Considerando que fui estudante até há relativamente pouco tempo, sinto-me qualificada para dizer,

com um nível respeitável de certeza, que os professores são das pessoas mais maltratadas na nossa sociedade.

2. Enfermagem
3. Setor da solidariedade
4. Gestão de eventos

A lista dos empregos com os funcionários mais infelizes:

1. Apoio ao cliente
2. Hotelaria
3. Serviços administrativos

Quando a estação de Waterloo se aproxima, preparo-me para mais um dia num trabalho que até o Google considerou como merecedor da medalha de bronze na corrida para a infelicidade.

Há sempre uma correria para sair do comboio; ninguém quer ser o último, mas de certeza que não tem nada que ver com uma vontade irreprimível de chegar ao trabalho onze segundos antes da hora.

Assim que me afasto da multidão de gente, recebo uma mensagem da minha mãe. Só ver o nome dela faz-me regressar ao telefonema da noite anterior.

— Maddie, podes transferir-me mais algum dinheiro, por favor?

— Olá, mãe. Como estás?

Ela solta uma gargalhada esfuziante.

— Olá, querida. Estou bem, com a bênção de Deus. Olha, descobri um sítio que faz taxas de conversão mais em conta do que aquele último sítio, por isso vou dar-te a morada. Tens um papel e uma caneta à mão?

— Este mês não me sobrou dinheiro para enviar.

— Porquê? Andaste a gastá-lo de forma imprudente?

— Não.

Segue-se uma pausa.

— O que foi, Maame? Não me pareces muito bem. Conta à tua mãe.

A minha mãe alterna entre três formas de me chamar: o meu nome, com todas as variantes incluídas, algum termo carinhoso ou Maame. Em twi, Maame tem muitos significados, mas no meu caso significa mulher. Desde que me lembro de ser gente que me chamam Maame, e quando ainda era pequena adorava que se referissem a mim como uma mulher. Adorava que me achassem adulta antes mesmo de eu começar a ter o período. Mas agora...

— Maddie? — Consigo ouvir a impaciência a tolar as sílabas na voz da minha mãe, como se fossem sombras sempre presentes.

— Não me sinto muito bem. — O sol agora põe-se muito tarde, por isso fechei as cortinas no meu quarto. Estou sentada num canto da cama, com os joelhos encostados ao peito, e tento encontrar a melhor forma de descrever quão em baixo me sinto, sem que consiga enumerar uma única razão concreta para estar assim. Quando sinto que o meu tempo para dar explicações se está a esgotar, digo simplesmente: — Estou apenas triste e ansiosa, acho.

— Com o quê?

— Com tudo o que tenho de fazer em casa e no trabalho. Sinto-me pesada, impotente e cansada, como se não estivesse a viver de verdade...

A minha mãe suspira.

— Maddie, por favor. — Prolonga cada uma das palavras para enfatizar o cansaço por detrás da súplica. — Tu gostas de te queixar demasiado de tudo. Mas não fazes assim tanta coisa, pois não? Devias ver como as crianças daqui vivem. Não descansas quando chegas a casa do trabalho e ao fim de semana? É porque nunca saís. — Os meus olhos enchem-se de lágrimas. — Já te disse que precisas de sair mais, porque nunca vais conseguir arranjar um marido se ficares fechada em casa — continua ela. — O teu pai não precisa de companhia durante todas as horas do dia. É por isso que estás sempre triste, porque não te divertes.

Quase lhe digo que diversão não é o mesmo que felicidade; quando muito, oferece-nos *momentos* de felicidade, e o que eu quero

é saber como conservar essa sensação. Já pesquisei no Google **Como ser feliz**; já dei passeios pelo parque e escrevi longas listas de gratidão; como mais frutas e vegetais e vou para a cama mais cedo; elogio as pessoas e pratico respiração consciente. Já tentei *resolver* este meu problema.

— Acho que o melhor é ir ao médico de família e...

— Não. Nós não contamos com o médico de família para estas coisas — diz a minha mãe. — Eles limitam-se a receitar-nos medicamentos; todos eles trabalham à comissão, ou algo do género.

— Duvido seriamente que isso seja verdade.

— Eu sei mais do que tu sobre como o mundo funciona, Maddie — diz ela. — Eles dão-nos medicamentos para doenças que não temos e depois dão-nos mais quando ficamos doentes. Não é preciso. Com a graça de Deus, não há doença que Ele não possa curar, e é por isso que contamos com Ele em todas as coisas.

Pergunto calmamente:

— Então porque é que não te dá Ele o dinheiro?

— Porque me abençoou através de ti, minha filha — diz a minha mãe decididamente.

Abraço os joelhos com um pouco mais de força.

— Tens rezado e lido a Bíblia? — pergunta-me ela. — Sabes que ficas sempre assim quando paras de ler e dás uma hipótese ao Diabo. Tens ouvido aquela estação de rádio de orações de que te falei... a das cinco da manhã?

Depois de desligarmos, começo a fazer o jantar para o meu pai. As lágrimas caem-me pelo rosto até eu sentir o sabor a sal.

— Há qualquer coisa de genuinamente errado contigo — murmuro enquanto corto os pimentos. — Estás tão confusa. Talvez seja um desequilíbrio químico, talvez... devesse procurar isso no Google. Não podes estar triste por motivo nenhum; a tristeza não é um estado natural para os humanos. Na vida, devemos estar felizes ou satisfeitos e experimentar *momentos* de tristeza apenas ocasionalmente, por isso se a tristeza é o teu estado natural, o que diz isso de ti, Maddie? — Pouso a faca e dou uma palmada na testa.

— Para lá com isso, porra! — De certeza que se bater na cabeça com força suficiente, o meu cérebro ficará em condições.

Fecho os olhos e continuo a cortar os pimentos.

Capítulo Dois

Podia apanhar uma linha mais direta para o West End, mas as caminhadas matinais estão explicitamente aconselhadas em todos os artigos que li sobre «Como Ser Feliz» — tem qualquer coisa que ver com a exposição à luz do dia. Além disso, são apenas vinte minutos a caminhar ao longo do rio Tamisa, que hoje brilha num tom quase azul com a luz do sol. Ponho os fones e ouço uma banda que uma colega do escritório me mostrou ligando a sua coluna numa sexta-feira quando o gerente não estava. É uma banda cujas canções me fazem pensar em verões que não me pertencem; em *Converse* novas e bebidas geladas, vestidos curtos e churrascos, e momentos fugazes de liberdade perene.

Trabalho no Covent Garden Theatre, mais vulgarmente conhecido por CGT. O nome pouco inspirador vem do sítio onde se localiza e o prédio é uma estrutura de betão gigantesca, estranhamente geométrica e brutalista à qual se chega depois de atravessarmos a ponte de Waterloo. Entro pela receção dos bastidores, o que significa que tenho de tocar a uma campainha, mas de todas as vezes em que experimentei as outras entradas perdi-me sempre. O pessoal que aqui trabalha descreve o edifício como sendo um labirinto, e correm rumores de que não existe nenhum mapa do teatro, porque ninguém sabe onde ficam todas as salas e divisões.

Passo pelas portas do palco e dos camarins, e, quando entro no elevador, carrego no botão para o terceiro piso. Passando pelas portas duplas do departamento, vejo que a «cozinha» não foi limpa

(as aspas são propositadas, já que se trata simplesmente de uma bancada com uma chaleira e prateleiras cheias de vários pacotes de chá, canecas e copos de plástico). Parece que vou ter de a limpar eu, então.

No dia anterior, usei o dinheiro todo do fundo de maneiio do escritório para comprar *Prosecco* e petiscos para celebrarmos o aniversário da Freya do *Marketing*; como não era uma das noites do Dawoud dar o jantar ao meu pai, não pude ficar, e como a minha chefe teve um dia de reuniões fora, até consegui sair a horas. Agora vejo que a festa se alastrou para o resto do escritório, deixando copos de um lado e pacotes de batatas fritas abertos do outro.

O departamento está disposto em U, as nossas secretárias encostadas a três das paredes, deixando a quarta parede para o gabinete da diretora. É um espaço agradável, com um ambiente discreto, alcatifa cor de vinho e paredes bege, mas a melhor característica é que uma das paredes (aquela onde me sento) é completamente feita de vidro com vista para a praça de Covent Garden.

Cumprimento a Zoe, que trata das brochuras, e a Frederica, que assiste a equipa *online*, e a seguir começo a limpar enquanto o meu computador se inicia.

Trabalho como assistente pessoal da Katherine Fellingham, a diretora de *Marketing* e Publicidade do CGT, e o meu dia consiste principalmente em organizar e reorganizar a sua agenda para evitar conflitos entre todas as coisas que ela acrescentou durante a noite; também faço a gestão das suas despesas, preparo-lhe chávenas de chá *Earl Grey* e a seguir lavo as chávenas no lavatório da casa de banho. Sim, foi o trabalho para que me candidatei, mas este sempre foi o meu problema. Tenho dificuldade em aguentar-me em trabalhos administrativos durante mais de nove meses, porque não há a menor alegria neste tipo de empregos e ninguém me consegue convencer do contrário. Não consigo entender o conceito de viver para trabalhar, mas depois tenho medo de trabalhar apenas para viver.

O meu salário bruto é de vinte e quatro mil libras por ano, não gasto dinheiro desnecessariamente e tenho uma poupança com pouco mais de quatro mil libras em que nunca mexo porque não sei quando

a minha mãe pode vir a precisar de dinheiro. Todos os dias passo revista a plataformas de anúncios de emprego com a esperança de que o trabalho perfeito me apareça à frente dos olhos, mas nem sequer sei em que área gostaria de trabalhar e se, nesta altura do campeonato, a minha experiência se pode estender muito para lá do trabalho básico de escritório.

— Bom dia, Maddie.

Viro-me na cadeira quando a Katherine se aproxima da sua secretária, que fica do outro lado da sua própria porta. Hoje traz os óculos redondos e cortou recentemente o cabelo num *bob* curto. Com o seu metro e sessenta de altura e o rosto corado do vento, parece bastante mais nova do que os seus 47 anos.

— Bom dia, Katherine. Como foi o teu fim de semana?

— Foi ótimo, obrigada. Eu e o David ainda conseguimos apanhar a penúltima exibição de *Ainda Mais Perto*, no Lyceum. Já foste ver?

— Não, ainda não. — Nem vou; da última vez que verifiquei, o preço dos poucos bilhetes disponíveis andava algures nos três dígitos. — Recomendas?

— Oh, sim, sem dúvida. — Abre o casaco e cruza os tornozelos, mostrando os sapatos de couro masculinos. — É brilhante. Tens mesmo de tentar apanhar o último espetáculo na quinta-feira.

A Claire, a gerente, entra e pergunta:

— Estás a falar de *Ainda Mais Perto*? — O rabo de cavalo escuro ondula como um pêndulo mesmo quando para de caminhar, com os sapatos de trabalho nas mãos, pronta para descalçar as sapatilhas e os calçar. — É incrível, não é?

Deixo-as a conversar e volto aos meus *e-mails* — enviados sobretudo por pessoas que solicitam o tempo da Katherine. A resposta simples é que ela não tem tempo e as pessoas sabem disto, mas também sabem que ela sofre do famoso FOMO (*fear of missing out*). No nível de gestão em que se movimenta, e onde é apenas uma de duas mulheres com cargos de chefia, sente que não pode recusar pedidos para reuniões, por isso a minha instrução é arranjar tempo, nem que seja durante a sua hora de almoço.

Há algumas semanas, a Katherine foi diagnosticada com depressão. Contou aos que trabalham diretamente com ela e depois contou-me a mim, após me inserir acidentalmente num *e-mail* para os Recursos Humanos a explicar por que razão precisava de tirar algum tempo para si. Apesar de lhe ter sido concedida uma baixa de um mês, ela voltou ao trabalho na semana seguinte e sorria à nossa frente e chorava na casa de banho, para depois voltar ao seu gabinete de olhos vermelhos e rosto corado.

Ninguém fez nada em relação a isso. A Claire até me chamou de parte para me pedir que não comentasse com ninguém, porque se algum dos onze diretores homens (de um total de treze diretores) descobrisse que a Katherine «não conseguia lidar com a situação», ia pensar que ela é demasiado frágil para o seu cargo.

«Mas isso importa mesmo?», perguntei. «O que eles pensam, quero dizer. A Katherine não está bem, é a realidade.»

«Claro que importa», disse a Claire. Mal conseguiu reprimir um revirar de olhos antes de cruzar os braços. «Apesar de ela fazer muito mais do que eles e de trabalhar mais arduamente, se souberem que está deprimida substituem-na logo por outro homem. Eu e ela já o vimos a acontecer em duas ocasiões diferentes. Porque não lhe preparas uma chávena de chá?», sugeriu. «Daqui a uma hora a Katherine já está ótima.»

A Claire estava errada.

— Bom dia, Maddie. — A Ellie é a próxima a chegar. Também vem esbaforida, mas porque provavelmente acordou tarde; o cabelo louro vem apanhado para trás, esqueceu-se de apertar um dos botões das jardineiras de bombazina e os atacadores das *Converse* desataram-se. Senta-se e expira profundamente.

— Bom dia, Ellie.

A Ellie é a minha gerente de linha, apesar de ter começado a trabalhar aqui depois de mim e de ser apenas um ano mais velha do que eu. Inicialmente, tínhamos uma relação mais amistosa, conversávamos descontraidamente um pouco mais, mas a certa altura, que ainda não consigo identificar com precisão, algo entre nós azedou.

Às vezes, enquanto estou deitada na cama à noite, questiono-me o que lhe terei feito, apesar de durante o dia esta questão não me incomodar por aí além. Por alguma razão, é à noite que o cérebro parece exigir as respostas para todas as perguntas do mundo, exatamente quando devia estar a dormir.

Creio que a Ellie prefere os outros membros da equipa porque sabe que eles vão ficar, enquanto eu percorro os corredores com um sinal invisível à volta do pescoço a anunciar que em breve entregarei a minha demissão. Devo tresandar a frustração no trabalho, o que tem a sua graça, já que comecei a trabalhar aqui com os olhos brilhantes e sapatilhas gastas, e agora a situação inverteu-se.

Encontrei este trabalho através da Access All Areas, uma empresa de ação social que se dedica a empregar jovens de comunidades com menor representação nas indústrias criativas de Londres. Informaram-me de que a diretora de *Marketing* do Covent Garden Theatre estava à procura de uma assistente pessoal e assistente administrativa. Nunca tinha pensado em trabalhar num teatro, porque nunca ia ao teatro. Uma pessoa era ou amante de cinema ou de teatro, e isso dependia amplamente do orçamento de que dispunha. No entanto, eu precisava de emprego e cumpria setenta por cento das exigências. Fiz toda a investigação que consegui e fiquei contente por descobrir que eles tinham instituído algumas mudanças na gestão para poderem concentrar-se em «refletir a diversidade» tanto nos espetáculos que apresentavam como no pessoal que empregavam.

Tinha ido a uma entrevista e embora todo o painel de entrevistadores fosse composto por pessoas brancas, pelo menos eram mulheres, e enquanto entrava e saía vi outras pessoas como eu. Continuávamos a ser uma minoria, mas em comparação com os meus empregos anteriores, a diferença era considerável. Semanas depois de ter começado a trabalhar, percebi que estas pessoas estavam maioritariamente no serviço ao público. Os departamentos com os quais eu interagía eram assustadoramente de brancos, a ponto de eu ser a única negra em todas as reuniões em que estive presente.

Não fazem ideia (ou talvez façam?) de como isto nos faz sentir. É mentalmente desgastante tentar perceber se estou a encarar aquele comentário sobre o meu cabelo, ou almoço, demasiado a sério. É um fator isolador que nenhuma das pessoas que conheço leia os mesmos autores negros que eu ou veja os mesmos programas de televisão. (Deviam ter visto a cara delas quando estávamos a falar de séries de televisão dos anos noventa, especificamente de *Friends* e *Frasier* e eu mencionei casualmente *My Wife & Kids*.)

Quando se tem um trabalho do qual não se gosta, mas de que se precisa, deve ajudar ter alguém por perto com quem partilhar alguns momentos de descontração. Eu tenho a Avi (vão conhecê-la mais tarde... preparem-se), que trabalha no piso abaixo do meu, mas, para ser sincera, não tenho grande coisa em comum com ela e só a vejo durante cerca de trinta minutos por semana. Assim, nas trinta e sete horas restantes, o meu silêncio é pontuado apenas por pedidos de trabalho e conversas nas quais não sou convidada a participar.

Queria ter deixado o CGT antes de o período à experiência ter acabado, há sete meses, o que seria uma bofetada na ética de trabalho dos meus pais e avós. A minha mãe dizia que era um privilégio eu poder andar a saltitar de emprego em emprego, embora todos me pagassem pessimamente. Sabia que podia agradecer esse facto ao meu curso de Literatura Inglesa, mas é o mínimo que uma dívida de quarenta mil libras nos pode proporcionar.

«Porque é que nunca estás feliz, Maddie?» perguntava a minha mãe. «Eu queria que fosses advogada, médica ou veterinária, qualquer uma destas profissões seria mais excitante, mas tu escolheste isto. E a única coisa que tens de fazer é ficar o dia todo sentada em frente ao computador, não é? Quase nem tens de estar de pé. A tua geração não faz ideia.»

Entendo o ponto de vista da minha mãe, porque para ela o trabalho não é algo de que se deva gostar, mas apenas algo que temos de tolerar para podermos pagar as contas — e conseguir fazê-lo é o que origina uma certa centelha de alegria. Para a minha mãe, a felicidade relacionada com o trabalho é diretamente proporcional

ao salário que ganhamos. Mesmo assim, isso não altera o facto de que, embora eu não estivesse à espera de ser rica, esperava ser feliz, e este fracasso deixa-me com dificuldade em respirar durante a maior parte dos dias.

Talvez a minha mãe tenha dificuldade em entender-me porque ela só fala da sua experiência: nunca ninguém lhe disse que podia ser aquilo que quisesse. Os meus pais foram emigrantes negros em Londres nos anos oitenta; não tinham tempo para passatempos nem a capacidade para procurar empregos que os fizessem sentir verdadeiramente realizados.

Eu devia lembrar-me de encarar as coisas sob uma perspetiva semelhante, devia lembrar-me de que o meu pai precisa que eu tenha um emprego estável que me permita ajudar com as despesas de casa, chegar a horas de lhe dar o jantar e de o deitar quatro dias por semana.

Se pelo menos a lógica e a razão se sobrepusessem à emoção.

Depois do almoço, vou até ao piso de baixo para me encontrar com a Avi. Divido sempre a minha hora de almoço em duas partes: vinte minutos para comer e quarenta minutos para caminhar enquanto sonho acordada. Normalmente faço-o sozinha, mas hoje a Avi quis vir comigo, já que vai ter de atravessar a ponte para se encontrar com o namorado.

— Como está o Jake? — pergunto quando começamos a andar. Vamos pelo meu caminho favorito, que é um pouco mais longo, mas significa que passamos por uma rua com floristas, padarias e bares antes de chegarmos à ponte.

— Está bem — responde ela. — Ontem à noite disse-me que queria experimentar sexo anal, por isso experimentámos.

Senhoras e senhores, a Avi Jeeto. A Avi é meio inglesa, meio indiana, tem o cabelo cortado num *bob* que encaracola nas pontas e é uma daquelas pessoas que partilha em demasia. Antes de mudar de departamento, eu tinha o meu trabalho e nós tornámo-nos amigas durante o período de transição. Acho que ela é maravilhosa,

mas, infelizmente para mim, são muitas as pessoas que concordam comigo. Ela trabalha no CGT há cinco anos e já conseguiu reunir uma multidão de amigos, por isso a nossa socialização está limitada a estas ocasionais conversas à hora de almoço.

O sol está a brilhar e tenho de pôr a mão por cima dos olhos quando me viro para ela. E também porque não me parece muito adequado manter contacto visual numa conversa desta natureza.

— Não sei como processar essa informação, Avi.

Ela tira os óculos de sol.

— Foi exatamente o que eu lhe disse.

— Anunciaste-a tão de repente.

— Novamente, foi o que eu lhe disse.

— É muito para interiorizar.

A Avi inclina a cabeça para trás com uma gargalhada.

Decido que o melhor que tenho a fazer é ficar calada. Funciona, porque a seguir ela diz:

— Já agora, ainda não consegui ultrapassar o que fizeste ao cabelo.

— Não gostas?

Ela encolhe os ombros e põe-se atrás de mim para deixar passar dois corredores.

— Estou habituada a ver-te com as tranças. Agora está diferente.

Dei um descanso às tranças coladas à cabeça pela primeira vez em três anos quando comecei a sentir as pontas do cabelo estranhas; na semana passada, fui a um salão de cabeleireiro especializado em cabelo com curvatura tipo quatro, fiz um tratamento e secaram-mo. Agora, para ir trabalhar, uso-o escovado e apanhado num coque.

— Mas aposto que recebeste montes de elogios no escritório — diz a Avi.

Partilhamos um sorriso.

— Oh, claro que recebi — respondo. — Mas antes ninguém abria a boca.

Entramos na ponte de Waterloo, que está cheia de ciclistas, pessoas que andam a fazer compras e trabalhadores na hora de almoço. Olho pela ponte e vejo um barco a deslizar por baixo de nós.

— Por acaso não estás a pensar em arranjar uma casa tua em breve? — pergunta a Avi. — Tenho uma amiga com um quarto para arrendar e tu és a única pessoa que conheço que ainda vive em casa dos pais.

Ótimo, agora posso acrescentar a Avi à minha lista.

**Lista de pessoas que acham que sou uma falhada
por ainda viver em casa dos meus pais:**

Nia (apesar de, tecnicamente, também viver
em casa dos pais três meses por ano)

Shu (melhor amiga número 2)

Mãe

*Rapaz na paragem do autocarro que resfolegou
depois de ouvir a minha conversa privada*

Eu

Avi

— É assim *tão* estranho eu ainda viver em casa dos meus pais?

— Não, não é tão estranho, só não faz sentido — responde a Avi.
— Tens dinheiro para viveres sozinha, e com o salário que tens não estás propriamente a poupar para pagar uma hipoteca, por isso por que razão hás de viver em casa dos teus pais?

A Avi não sabe a respeito do meu pai, por isso encolho os ombros.

— Nem sequer saíste de casa para ir para a universidade — continua ela. — Não queres um pouco mais... — Abana os ombros. — De liberdade? Saídas à noite. Levar amigos para casa. Homens.

— Neste momento, não estou muito focada em homens — defendo-me. — Tenho tempo para isso.

— O teu tempo é agora, Maddie. — Ela bate com o punho na palma da outra mão. — Tens 25 anos. Devias estar a ter tantas pilas quantas te fosse possível!

— Avi! — Olho com um ar encabulado para uma mãe que afasta os seus filhos pequenos de nós.

— Ai, descontraí — diz a Avi, inclinando a cabeça para o sol.
— Chama-se viver os vinte e, em toda a tua vida, só podes fazê-lo durante dez anos. E queres saber que mais? Já vais a meio!

Oh, céus. Já vou a meio. Cinco anos dos meus vinte já se esfumaram no éter, ainda vivo em casa dos meus pais, não tenho namorado nem uma carreira profissional óbvia e ainda sou virgem.

— Onde é o quarto que a tua amiga tem? — pergunto. — Só por curiosidade.

— Em Crouch End.

— No norte de Londres? É demasiado longe.

— Não é nada. Basta apanhares a Northern Line para Waterloo.
— A Avi olha para mim. — Ah, queres dizer do sítio onde vives agora? — Revira os olhos. — Vou dar-te o número dela. Depois ela manda-te umas fotografias da casa.

— Está bem.

— Então? — continua a Avi. — Não me vais perguntar como foi o anal?

Pestanejo.

— Sabes, Avi, nunca me passou pela cabeça acabar essa conversa. Ela inclina a cabeça, incrédula.

— A sério? Se fosse ao contrário, eu queria saber como foi.

— Nós somos pessoas muito diferentes.

Ela não deixa que a minha resposta a desencoraje.

— Inicialmente foi desconfortável, mas não foi a pior coisa do mundo. Sabes quando uma coisa não foi simplesmente feita para ser enfiada num determinado lugar?

— Oh, olha, vem lá o Jake. — *Graças a Deus*. Aceno-lhe freneticamente, antes de me lembrar de como e *onde* ele passou a noite anterior. Baixei imediatamente a mão e o olhar. — Vou deixar-vos a sós.

Dou meia-volta para refazer o caminho, quando a Ali grita:

— Vais ao espetáculo hoje à noite? Vamos todos beber um copo antes, se quiseres vir.

— Não — grito em resposta. — Já tenho planos.

*

Quando regresso ao escritório, a Katherine já está a rondar a minha secretária, apesar de ainda me restarem cinco minutos de hora de almoço. Tem o rosto vermelho e às manchas e expira quando me vê.

— Oh, aí estás tu, Maddie. Já voltaste finalmente, foi? Sem problema — diz ela. — Podes imprimir-me algumas coisas, oh, e vai lá abaixo buscar-me um café, sim? Já há meia hora que precisava de beber um, mas não te encontrei.

Enquanto estou na fila do café do teatro, verifico o telemóvel para ver se tenho alguma notificação de emprego. Passo por duas páginas de ofertas, mas não encontro nenhum emprego não relacionado com ser assistente pessoal para o qual tenha qualificações, mas mesmo assim candidato-me a três.

O que disse à Avi não foi totalmente mentira. Tenho mesmo planos para esta noite, só não são planos de tipo social.

De regresso a casa, aqueço o arroz que já tinha feito e cozinho peixe fresco. Ponho um pouco de salada no prato e um copo de água no tabuleiro e levo-o para a sala de estar. Sento-me na cadeira do lado direito do meu pai e vemos televisão enquanto lhe dou a comida à boca.

Esta faceta do meu pai, o Parkinson, teve inicialmente uma progressão lenta, mas depois escalou tão rapidamente que quase não me lembro de ter testemunhado os sinais. Ele deixava cair o prato e eu chamava-lhe trapalhão; entornava água por si abaixo e eu secava-o com um pano. Depois os talheres estavam sempre a escorregar-lhe das mãos enquanto comíamos, até que se tornou impossível manter as mãos quietas. Começou a saltar algumas refeições só para evitar a verdade do que lhe estava a acontecer.

Atualmente, o meu pai come bem, o que me deixa feliz. Eu costumava entrar em pânico e ouvia um trovão imaginário quando ele não comia tudo o que tinha no prato ou se adormecesse muito antes de serem horas de ir para a cama, convencida de que era um sinal de qualquer coisa. Quanto mais lia sobre a doença de Parkinson, mais descobria exatamente como é elusiva e implacável; é uma doença em

forma de árvore invasora que vai abrindo os seus ramos, cada um deles trazendo um novo possível sintoma ou consequência. Ficava acordada na cama a questionar-me se ele iria morrer durante o sono, e que teria sido culpa minha por não ter chamado o médico e não o ter salvado enquanto podia. Descia sorrateiramente, talvez às duas ou três da manhã, e ficava à escuta junto à porta do quarto dele para ver se ele estava a ressonar, e só voltava para a cama quando o ouvia.

Agora tenho mais consciência. Por vezes ele não está simplesmente para aí virado e o mais importante é que coma qualquer coisa antes de tomar os medicamentos, nem que seja só uma fatia de pão torrado. As suas três doses diárias de comprimidos estão separadas em pacotinhos diferentes e abro o de terça à noite. Coloco um comprimido de cada vez na sua boca e seguro-lhe o copo de água junto aos lábios. Ele tem de engolir duas vezes e beber um pouco mais de água. Fecha sempre os olhos a seguir, durante um bocadinho.

Levo o tabuleiro para a cozinha e começo a arrumar.

Quando chega a hora de ir dormir, prendo o meu braço no dele, dobro os joelhos e ajudo-o a sair da poltrona. Depois, vamos lentamente a arrastar os pés até ao quarto.

Escovo-lhe os dentes usando um copo como lavatório, mudo-lhe a parte de cima do pijama, mudo o saco do cateter, mas deixo-o ficar com as calças de fato de treino.

Deito o meu pai quatro dias por semana, por isso já tenho a rotina bem automatizada, mas desta vez devo ter feito qualquer coisa mal, porque, quando lhe levanto as pernas para cima da cama, sinto que uma pontada me dilacera as costas, parece que me *puxaram* um fio solto que desfez uma fileira de pontos dentro de mim. Deixo os pés do meu pai caírem sobre os pés da cama, que são de metal.

— Desculpa, pai. — Não o magoei; os medicamentos que toma à noite deixam-no demasiado atordoado, mas as minhas costas estão a gritar de dor e preciso de morder o lábio para manter a boca fechada.

Puxo-lhe o edredão até ao pescoço, dou-lhe um beijo na testa, depois apago a luz.

Ao sair do seu quarto, continuo curvada para a frente, levantando-me muito devagar para gerir a dor até ficar novamente direita.

Porra.



Google Dor de costas a meio dos vinte

ZF: Mais alguém tem dores horríveis na lombar? Só tenho 24 anos e preciso de saber se isto é alguma coisa mais grave.

MT: Lol, dores nas costas aos 24? O que diabo te aconteceu?

KS: Só para que saibas, **MT**, o número de jovens que sofre de dores de costas tem vindo a aumentar e é um assunto sério.

ZF, tenta tomar um banho bem quente ou talvez pôr um saco de gelo sobre a zona que te dói.

TP: Já experimentaste yoga? Sou instrutora de yoga e no meu *website* tens uma série de alongamentos muito úteis. Deixo-te o endereço...

CC: Está tudo relacionado com o governo, mas nunca ninguém acredita em mim. Dizem-nos desde muito cedo que o objetivo das nossas vidas é ter empregos de escritório. Depois sentam-nos numa secretária das nove às cinco, cinco dias por semana durante os nossos melhores anos da juventude até ser tarde demais para fazermos o que quer que seja se não comprar uma cadeira «que ajuda».

LG: Por que raio havia o governo de querer uma nação que sofre de dores nas costas?

CC: Para não podermos tomar o poder das mãos deles.

Ligo ao James, mas, como já é habitual, ele não atende e liga-me algumas horas depois. Tenho de acender a luz porque ele faz uma videochamada. Vejo que está no carro.

— Olá, Mads! — Ele agora tem tranças no cabelo e já estão suficientemente compridas para ficarem caídas em vez de espetadas.

Quando sorri, o seu dente de ouro brilha. Quando éramos crianças, sempre nos disseram, a mim e ao meu irmão, que tínhamos sorrisos fantásticos, sorrisos que mostram dentes perfeitos e que suavizam os nossos rostos. É uma das poucas coisas que ambos herdámos do nosso pai. — O pai já está a dormir? — pergunta-me ele.

— Já, por isso é que te liguei — digo. — Precisava de uma ajudinha. Doem-me as costas de levantar o pai da poltrona e de o deitar na cama. Achas que podes fazer uma das minhas noites por semana?

O James coça o que sei que é uma comichão fantasma na nuca.

— Eu não posso ir de Putney até aí só para pôr o pai na cama, Mads — diz ele. — E sabes que o meu horário não é regular, não dá para confiar. Não é justo prometer-te que vou aí um dia e depois não aparecer porque tive de ir para outro sítio à última hora.

O amigo do James está envolvido na cena musical de *Rap & Grime* e tem bastante sucesso (estou a falar de MOBO e BRIT Awards), por isso o meu irmão faz parte da sua equipa — é motorista a tempo inteiro, trata das redes sociais e acompanha-o nas digressões. A minha mãe diz na brincadeira que ele é um fã entusiasmado que teve sorte e que só está ali para impulsionar o ego do amigo. Eu acho que ele tem esperança de um dia entrar também para a cena musical.

— Certo.

— Mas posso ajudar em mais alguma coisa? — pergunta-me.

— Já veio a conta do imposto camarário.

Ele suspira e volta a coçar a nuca.

— Desculpa, Mads. Estou mesmo com pouco dinheiro, mas lembra-me para o mês que vem, está bem?

— Está bem... mas já andas a dizer isso há uma série de meses.

— Eu sei, eu sei — responde, desviando o olhar. — É que as coisas agora estão um bocado apertadas. Sabes que acabei de voltar do Japão.

Mas tu ouves o que estás a dizer? É o que tenho vontade de lhe perguntar, só que, em vez disso, articulo sem voz: *Deve ser bom*. Em voz alta, pergunto:

— Uma vez que foste em trabalho, o voo não devia ter sido pago?

— Sim, e foi, mas gastei demasiado dinheiro. Quem me dera ser orientado como tu.

— Eu sou orientada porque não tenho outro remédio. — Mantenho a voz calma, mas não estou feliz com a conversa. Não tanto por causa das promessas vazias a respeito do dinheiro, mas porque isto me recorda de que ele se safa sempre de tudo. Se o meu irmão diz que não tem dinheiro, a não ser que eu o vá roubar à sua carteira, tenho de acreditar nele. Ele sabe que pago o imposto camarário porque vivo aqui e não consigo ficar parada a ver as contas a acumularem-se.

— Eu sei disso — responde-me —, mas eu vivo sozinho. A minha renda não é tão barata como a tua. A mãe só te cobra quatrocentos e cinquenta libras. A minha renda é mais de mil, porque estou em Putney. Usa só um pouco das tuas poupanças e liga-me no mês que vem para eu o repor. Mas de resto estás bem, não estás? — pergunta. — Já soubeste que a mãe volta em breve?

— Já, ela disse-me na semana passada — respondo. — Mas ainda não marcou o voo.

— Quando marcar, avisa-me. Quero ver se não estou muito por essas bandas quando ela cá estiver.

Não há de ser difícil.

— Está bem.

Ele solta uma gargalhada, mas não é genuína.

— Esqueci-me de que estás do lado dela.

— Eu não estou do lado de ninguém. Sou neutra. Como...

— Sim, a Espanha. Eu sei, eu sei.

Sorrio.

— A Suíça.

— Fica lá perto, não fica? Mas, sim, sabes que não gosto da forma como ela se comporta nem de como age com o pai. O marido está doente e ela passa a vida no Gana? E ainda te deixa a tratar de tudo sozinha?

Ora aí está uma coisa que vocês os dois têm em comum.

— Mas ela está a gerir o *hostel* do avô — respondo. — Sabes que o tio também não ajuda muito, por isso cai tudo sobre os ombros dela.

O James comprime os lábios e abana a cabeça.

— O que foi? — pergunto.

— Não foi nada — diz ele. — É só que tu não conheces a mãe como eu conheço, Mads. Quando estive no Gana para ver como estavam as coisas, ela parecia uma barata tonta. — Desvio os olhos da câmara. — Pois — continua o James —, já percebi que não queres ouvir isto, e é por isso que não digo nada. De qualquer maneira, escuta, tenho de ir, mas em breve vou a casa, está bem? Adeus, Mads.

— Adeus, James. Amo-te.

— Também te amo, maninha.

Pouso o telemóvel e apago a luz.

O James diz que conhece a nossa mãe melhor do que eu, mas quem viu as mensagens no telemóvel dela da última vez em que aqui estive fui eu; mensagens a dizer que sentia saudades e amava alguém e respostas a dizer as mesmas coisas, de um número não gravado na lista de contactos e que começava por +233.

Talvez tenha sido isto que o James viu no Gana. Ainda bem que eu tinha a desculpa de ficar a tomar conta do meu pai e não pude ir nessa viagem. É fácil voltar a pousar um telemóvel na mesa de cabeceira e fazer de conta que nada mudou — talvez seja mais difícil quando vemos as coisas com os nossos próprios olhos.

Penso no que a minha mãe pode estar a fazer neste momento. Se estará sozinha. Trair o meu pai parece-me um ato cruel da sua parte, mas, embora eu nunca tenha sido daquelas crianças que acha que os pais são santos, não consigo pensar assim tão mal dela. Ela continua a ser a mãe que me deixava ir para a cama dela e faltar à escola quando tinha o mais assustador dos pesadelos; a mãe que entrava no meu quarto e ficava a rezar comigo quando as dores do período me obrigavam a ficar na cama; a mãe que se gabava para quem a quisesse ouvir de que tinha uma filha bem-educada, responsável e com boas notas, uma verdadeira dádiva divina.

Está tudo bem. A sério.

É só mais um segredo para guardar.

Capítulo Três

Passei a manhã de domingo a limpar o quarto do meu pai; demorei o dobro do tempo porque ainda me doíam as costas. Agora sinto uma dor diferente, já não é uma pontada, mas uma espécie de moinha constante; liguei para o médico de família para marcar uma consulta, mas a mais próxima é na terça-feira à tarde, por isso tomei um paracetamol.

Lavo o chão de madeira com a esfregona e mudo os lençóis da cama. Lavo as janelas, a casa de banho e o balde que o Dawoud costuma usar para lavar o meu pai quando as suas pernas estão demasiado fracas para subir até à casa de banho do primeiro andar. Há alguns meses, dei entrada na câmara municipal a um pedido para construir uma casa de banho no rés do chão, mas ainda espero resposta.

Algumas horas depois, vou à igreja e a Shu liga-me enquanto vou a caminho. É algo muito invulgar, já que a Shu só aceita receber mensagens de texto e considera os telefonemas espontâneos uma espécie de ataque pessoal.

Conheci a Shu na Universidade Birkbeck. Ela entrou atrasada na aula de Literatura Inglesa (que mais tarde trocou por Gestão Internacional) e, em vez de procurar os seus amigos, sentou-se no lugar que estava vago ao meu lado. Naquela altura, o seu cabelo preto era mais comprido, mas continua a ter as mesmas maçãs do rosto altas e o espaço entre os dois dentes da frente, a mesma predileção por camisolas demasiado largas e continua a não conseguir sair de casa sem sobrepor três colares ao pescoço.

— Olá, sou a Shu. Tens uma caneta que me emprestes? — Foi a sua apresentação.

— Sou a Maddie — disse-lhe, entregando-lhe uma caneta.

Ela olhou para a mochila e novamente para mim.

— E papel, tens?

Em breve, tornei-me a rapariga ao lado de quem ela se sentava quando se esquecia do portátil em casa. Eu era fácil de encontrar porque me sentava sempre na parte da frente das filas do meio, mesmo junto ao corredor, para conseguir escapar-me às conversas em massa que irrompiam quando as aulas acabavam.

— Porque é que tens sempre tanta pressa em sair? — perguntou-me ela em certa ocasião.

— Porque quero tentar evitar que a multidão me engula.

— E vais para onde?

— Se não tiver mais aula nenhuma, vou para casa.

— Isso é triste.

— Não discordo.

— Vives em Londres? — perguntou. — Tens uma pronúncia um bocado finória.

— Vivo em Thornton Heath. E tu?

— Em Hackney. Conheces a área?

— Não conheço muito bem, mas é um prazer conhecer-te melhor... Shu?

— Sim, é diminutivo para Meixiang-Shu.

Depois de múltiplas tentativas bem-intencionadas da minha parte, ela fitou-me nos olhos e disse:

— Ouve, agradeço muito o esforço, mas a tua pronúncia é uma merda. Chama-me só Shu.

Eu e a Shu costumávamos ser bastante mais próximas, mas ela agora tem uma namorada a sério — a Lydia — e um novo emprego muito exigente na City que lhe exige mais horas de trabalho do que aquelas que estão no seu contrato. E com o facto de o meu pai precisar dos cuidados constantes que só eu posso proporcionar, não tenho muito tempo para estar com ela.

— Ainda bem que te apanhei antes do almoço — diz a Shu.
— Estou prestes a visitar outra casa.

— Ah, é verdade. — Uso um dedo para tapar o outro ouvido enquanto desço a Tottenham Court Road. — Como está a correr a procura de apartamento?

A Shu saiu de casa dos pais assim que fez 18 anos, *literalmente*. Nasceu às 15h57 e foi a essa hora exata do dia 25 de julho que pegou nas malas e disse «Que se lixe esta casa», e saiu. A Shu pode ser um pouco dramática, mas saiu por um bom motivo. Quando se assumiu perante os pais, eles *disseram* que a amavam e aceitavam, mas as coisas nunca mais foram as mesmas entre os três. Foi tudo o que ela me contou. Agora, o contrato de arrendamento em Hornsey está a acabar e ela não quer renovar. Tem dinheiro para arrendar uma casa só para si, mas prefere poupar para a entrada de uma casa e, pelo que sei, a Lydia não está preparada para dar o passo de viverem juntas.

— Hoje à tarde vou ver mais duas.

— Então e aquele apartamento em Camden de que gostaste? — perguntei.

— Tive de recusar. A rapariga com quem o ia partilhar era demasiado bonita.

Um homem com um papagaio preocupantemente real empoleirado no ombro passa por mim, mas estou no centro de Londres, é fim de semana, por isso nem pestanejo.

— Vais ter de me explicar esse teu raciocínio, Shu.

— Ela não o admite, mas a Lydia tem... Como é que se diz? A minha avó diria «um olho pegajoso».

— Tem um olho guloso?

— Pois, talvez seja isso. De qualquer maneira, não quero sentir-me insegura na minha própria casa quando a minha namorada está por perto — diz ela. — Se pelo menos tu estivesses preparada para sair de casa dos teus pais, podíamos procurar um apartamento agradável com dois quartos e tudo correria bem logo de início. Tu já sabes que deves tirar os sapatos ao entrar, eu já sei por que razão o teu cabelo é cem vezes mais curto depois de o lavares e tudo.

Paro no meio da rua.

— Estás a dizer que eu não sou ameaçadoramente bonita?

— Quando te esmeras, sim, claro que és, mas não tenho de me preocupar contigo, porque és súper inocente. Quando a Lyd estava a olhar para o teu peito, tu disseste-lhe onde tinhas comprado a camisola que trazias vestida.

— Pensei que ela gostava da camisola com botões.

— Não era o caso.

— Talvez fosse.

A Shu suspira, o que quer dizer que está a revirar os olhos.

— Estás preparada para sair de casa dos teus pais ou não?

Paro no exterior da igreja. Uma pontada calorosa de inveja atinge-me o peito quando penso brevemente como seria ser responsável apenas pela minha vida e poder passar o tempo como bem entendesse. A seguir, sinto-me imediatamente culpada e abano a cabeça; o meu pai não tem culpa de precisar de mim.

— Eu gosto de estar em casa. Não me parece que isso vá mudar num futuro próximo — respondo.

A Shu sabe que o meu pai tem Parkinson, mas não tem noção da gravidade da doença. Normalmente pergunta-me como ele está e eu respondo sempre «Está bem», mas ela ouve o silencioso «Sabes como é, considerando a situação» e nunca me pede muitos detalhes. Não porque não se preocupa, mas porque é uma pessoa tão resguardada como eu — talvez até mais. Creio que a Shu se pergunta, se os nossos papéis estivessem invertidos, se ela gostaria de ter alguém a fazer-lhe perguntas constantemente. A resposta é não.

Ela volta a suspirar.

— Tudo bem, é justo. Diverte-te na igreja.

— Obrigada. Amo-te.

Ela solta uma gargalhada, e é uma verdadeira explosão de energia.

— Tens sempre de dizer isso — comenta. — Não consegues acabar uma conversa sem o dizer?

— Diz que me amas também e desliga, pronto.

— Sim, e eu a ti.

*

Quando a minha mãe está em Inglaterra, vou com ela a uma pequena igreja pentecostal em Croydon. Ali, a partir do púlpito, o pastor consegue estabelecer contacto visual com toda a gente e todos sabem demasiado uns sobre os outros. Quando a minha mãe está no Gana, vou a uma igreja no centro de Londres. Descobri-a porque a Shu também aqui vem, não todas as semanas, mas «quando posso, sabes como é».

Gostei que se autodenominassem uma igreja cristã contemporânea e que cada missa tivesse centenas de pessoas, o que garante o anonimato. Fui lá num domingo, sozinha, porque prefiro ir à missa de manhã, enquanto a Shu prefere ir à noite, e gostei o suficiente para continuar a frequentá-la. Os sermões são dados por padres diferentes, por isso nunca sabemos quem nos vai calhar, e são todos relativamente novos. Falam do cristianismo na era das redes sociais, da crescente pressão dos pares; falam sobre como é estar apaixonado, sentir amor, num mundo tão frequentemente inundado de ódio; encontram formas de fazer com que a Bíblia seja um texto com o qual conseguimos identificar-nos, e nunca saio de lá a sentir que não sou *suficientemente* cristã para poder descrever-me como tal. Cada missa tem noventa minutos e encorajam-nos sempre a ficar um pouco depois para conhecermos as outras pessoas — se quisermos, claro. Eu prefiro voltar para casa, para junto do meu pai.

Escolho um lugar no piso térreo, na extremidade de uma fila e instalo-me.

Quando chego da igreja, ouço o meu pai a falar e penso que talvez o Dawoud tenha vindo cá a casa, apesar de não ser o seu dia, mas quando entro na sala de estar, o meu pai está sozinho.

Tem os olhos arregalados e está a falar em *twi*. Não entendo o que diz, porque as palavras lhe saem demasiado quebradas. Espero que esteja a falar comigo, mas acho que não, porque está a olhar para um canto, uma parte vazia da parede da sala, e a conversar com alguém que não está ali.

— Pai?

Ele não para de falar e de fitar a parede.

— Pai? Estás a falar com quem?

Os cantos da sua boca estão virados para baixo. Pestaneja e estende o braço lentamente, até onde ele vai, para apontar para o espaço vazio.

— A... mi... minha ir... mã — diz ele.

— A tia Mabel? Ela está aqui?

— Não. Não. A Re... Rebecca.

Engulo em seco. A minha tia Rebecca morreu no Gana quando eu tinha 3 anos.

— Não, pai — digo suavemente. — Ela não está aqui. — Aceno para o espaço e repito-me, mas ele continua a franzir o sobrolho e a apontar para a parede em branco.

Inclina a cabeça para trás e, ainda a fitar, diz baixinho:

— A minha irmã Rebecca.

Aproximo-me e abano gentilmente o seu braço.

— Pai?

Ele pestaneja e olha finalmente para mim. Olha para a parede e outra vez para mim. Fecha os olhos e uma lágrima escorre-lhe pelo rosto.

Seguro-lhe na mão.

— Lamento, pai — digo em voz baixa. — Lamento... tanto. — Limpo-lhe o rosto com a manga do meu casaco e a seguir dou-lhe um beijo na testa. Fico ali sentada, a segurar a sua mão trémula entre as minhas até que ele adormece.

Saio da sala e tiro o telemóvel do bolso. Quando ligo para o número pessoal do Dr. Appong, tenho as mãos a tremer. Conto-lhe a respeito da alucinação e ele assegura-me que não é invulgar tendo em conta a medicação que o meu pai toma, mas, para que fique mais descansada, amanhã vem cá a casa ver como ele está.

— Não pode vir hoje?

— Hoje não estou no consultório, lamento.

— Oh, claro! Desculpe, hoje é domingo. Voltei a esquecer-me dos dias. Peço imensa desculpa. É só que... — Aperto a cana do nariz

para bloquear as lágrimas que ameaçam cair. — Amanhã não será tarde demais?

— Maddie, está tudo bem. — O seu tom de voz é paciente, reconfortante, com uma confiança construída ao longo de décadas de prática clínica. Ou então pode ser só pena. Ainda me recordo do seu sobrolho franzido no dia em que veio ver o meu pai e perguntou onde estava a minha mãe. Disse-lhe que, de momento, era eu a única cuidadora do meu pai e foi então que ele me deu o seu número pessoal. Quando se foi embora, era capaz de jurar que o vi a abanar a cabeça. — Disse que ele não apresenta nenhum outro sintoma, certo?

— Certo, mas noto-o um pouco cansado.

— Isso é normal. Não precisa de se preocupar. Se acontecer mais alguma coisa, pode ligar-me novamente, mas ele agora deve ficar bem, está bem?

Assinto com a cabeça, e só depois me lembro de falar.

— Sim, obrigada.

O Dr. Appong tinha razão. Quando o meu pai acorda não parece lembrar-se de nada e está tão bem como no dia anterior. Contudo, a recordação daquele momento ficou-me cravada na memória durante toda a tarde, serão e até altas horas da noite. Liguei ao James, mas ele não atendeu, depois mandei uma mensagem por WhatsApp à minha mãe, mas ela ainda não respondeu.

Fico deitada na cama, acordada, a pensar em como era a vida antes de o meu pai adoecer. Já se passaram oito anos, por isso demoro algum tempo a recordar-me. Recordo-me que costumava deixar o meu pai sozinho durante os fins de semana, porque era como ele preferia estar, e passava os sábados e domingos com amigas da escola com quem já não mantenho contacto.

Eu e o meu pai nunca passávamos muito tempo juntos, não tanto como agora. Com a minha mãe no Gana ano sim, ano não, e com o James a fazer-se de filho adotivo de outras famílias, acabei por crescer sozinha. O meu pai deixou-me entregue a mim mesma porque sabia que podia fazê-lo. Eu era a filha bem-comportada.

Mas se eu soubesse a pressão imensa que se acumularia dentro de mim, a lenta descida a uma existência monótona e melancólica, os dias pautados pela preocupação com o meu pai e se estou a cuidar bem dele — bem, teria provavelmente também saído algumas noites até mais tarde, perdido a virgindade aos 16 anos em vez de continuar a guardá-la ou desenvolvido afeição por álcool; teria ido a bares, fumado erva, dançado nas discotecas e feito amizades com desconhecidos.

A verdade é que, sem a minha mãe aqui para agir como amortecedor, demorei algum tempo até me sentir confortável ao pé do meu pai. Ele trabalhava como segurança numa escola privada em Wandsworth, o que significava que passava os serões em casa, mas normalmente estava à secretária a ler o jornal ou sentado a ver televisão, enquanto eu ficava no meu quarto. Era normal para nós. Nunca fomos aquele tipo de família que se senta para jantar em conjunto, exceção feita a alguns Natais.

No último Natal, a minha mãe ficou no Gana e o James foi viajar com amigos, por isso fiquei sozinha com o meu pai. Vimos o filme *Grinch* num silêncio confortável. O meu pai também sofre de diabetes, mas nesse dia encetei um chocolate e pus-lhe um pouco na boca. A minha mãe ligou-nos à noite e o James no dia seguinte. Pensei que iria ficar incomodada por não estarmos os quatro juntos no Natal, mas, para dizer a verdade, pareceu-me um dia como outro qualquer.

A minha mãe só me liga na terça-feira, quando estou sentada num banco em South Bank, virada para o rio.

— Querida, foste à igreja no domingo? — pergunta ela. — Qual era a mensagem do sermão?

— Eram várias, mãe — respondo. — A da rainha Vashti sobre agradar às outras pessoas, a de Mordecai sobre rodearmo-nos de pessoas leais e honestas e a de Ester sobre ter fé nos tempos de maior dificuldade.

— Ótimo. Gosto dessas mensagens — diz ela, satisfeita. — Não te esqueças de meditar sobre as escrituras de Ester. É uma passagem muito boa. Então... já conhecestes alguém? — Articulo sem voz as

palavras familiares da minha mãe. As conversas com ela raramente decorrem sem me fazer esta pergunta.

— Desde a semana passada? — Reviro os olhos. — Não, não conheci ninguém.

— Não falas com pessoas novas quando vais à igreja?

— Não.

— Porquê? — pergunta. — Dizes-me que no teu trabalho só há praticamente mulheres, mas e na tua igreja, não há homens?

— Eu não vou à igreja para conhecer homens, mãe.

— Pois, talvez seja esse o problema — diz ela. — Onde mais esperas encontrar bons homens tementes a Deus, senão numa igreja? Lembras-te da tua prima Glory, aqui no Gana?

— Não.

— Pois bem, ela acabou de se casar. Tem 24 anos, acho eu. É mais nova do que tu.

— Sorte a dela.

— A sorte não teve nada que ver com isto, Maame.

— Está bem. Mãe, porque é que não me devolveste a chamada no domingo?

— Recebi a tua mensagem, mas, como não disseste mais nada, sabia que não era sério — diz ela. — O teu pai agora está bem?

— Está. O Dr. Appong foi lá a casa ontem para o ver — respondo. — Disse que não havia motivos para preocupação, mas mesmo assim foi um momento assustador.

— Não devia ser. O que aprendeste sobre Ester e a fé? — Nem sequer espera que lhe responda. — Tens de *ter fé*: é isso que debes retirar do sermão de Ester — diz a minha mãe. — Estas coisas vão acontecer com muitos tipos de medicação diferentes, por isso não tens necessidade nenhuma de te preocupar assim. Está bem?

Não vale a pena dar-lhe qualquer outra resposta.

— Está bem.

— Ótimo. O que fizeste no sábado?

— Nada de especial — respondo. — Limpei a casa, depois fiquei na sala com o pai e li um pouco.

BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

MADDIE está à espera de que a sua vida comece. Aos 25 anos, é a principal cuidadora do pai, que sofre de doença de Parkinson, enquanto a mãe se ausenta durante longos períodos no Gana. O seu emprego como assistente administrativa num teatro de Londres está a revelar-se um beco sem saída, e Maddie está cansada de sentir que é a única pessoa negra em qualquer reunião de trabalho.

Quando a mãe anuncia que vai regressar a Londres durante um ano, Maddie aproveita para sair de casa e começar a fazer todas as coisas que as outras pessoas da sua idade já parecem dominar. Começa a partilhar um apartamento com duas outras raparigas, aceita sair à noite com as amigas, decide pedir mais responsabilidades no trabalho e lança-se no desconcertante mundo das aplicações de encontros amorosos.

Tudo parece estar a entrar nos eixos quando algo terrível acontece, obrigando Maddie a confrontar-se com a natureza pouco convencional da sua família e a complexidade de se sentir dividida entre dois países e duas culturas. Porém, é ao lidar com questões como o trauma, o racismo, a sexualidade e a saúde mental que Maddie tem a oportunidade de descobrir a sua própria força e a sua própria voz.

NOMEADO PARA O BOOKTOK BOOK OF THE YEAR

**SELEÇÃO DA AMAZON PARA
MELHOR LIVRO DE FICÇÃO DO ANO**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897871498



9 789897 871498 >